Acervo ISA

O Globo 1/6/97 33

Um lugar bonito por natureza e maltratado pela falta de investimentos e de pessoal

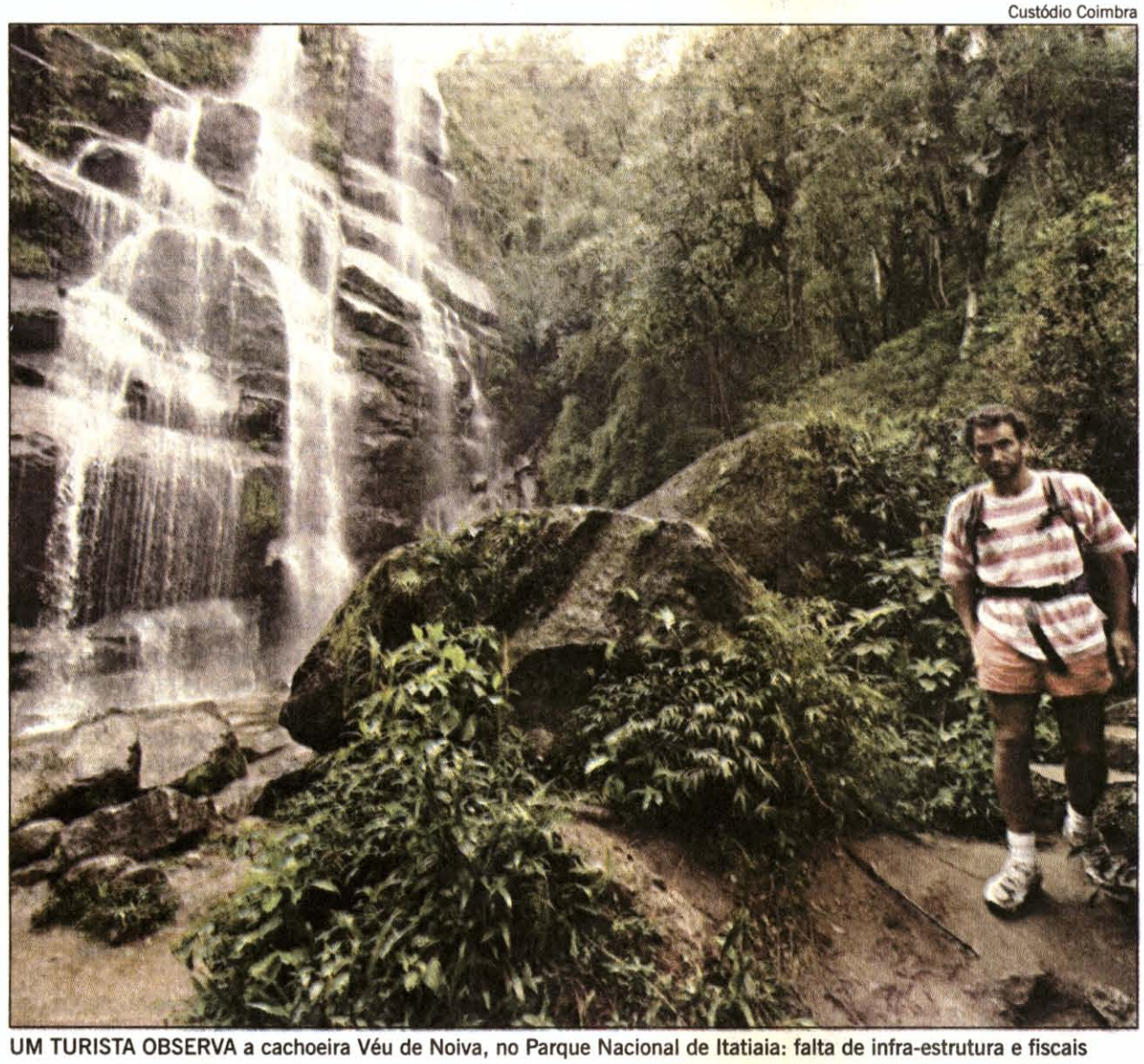
Parque de Itatiaia chega aos 60 anos com as mazelas que datam da sua criação

Edgar Arruda

• Para montanhistas e naturalistas, um paraíso. Para fotógrafos, um colírio. Para estressados de qualquer cidade, um santo remédio. O Parque Nacional de Itatiaia é tudo isso e muito mais. Para o seu diretor, Carlos Eduardo Zikan, de 51 anos, é um misto de paixão ideológica e grande dor de cabeça. Às vésperas de completar 60 anos de existência, o parque ainda padece de males que datam de sua criação, em junho de 1937. O maior deles, a falta de pessoal. O primeiro parque nacional criado no país tem hoje 32 funcionários. Destes, oito são agentes florestais, responsáveis pela fiscalização de 30 mil hectares na Serra da Mantiqueira.

— Para não termos problemas de pessoal precisaríamos, no mínimo, de 63 funcionários. Já tivemos 83. Dentro da área do parque, até que não temos muitos problemas. As maiores dificuldades ficam no entorno de 90 mil hectares, onde existe a ação de caçadores e palmiteiros — conta Zikan, que administra o parque desde outubro de 1995.

Custódio Coimbra



UM TURISTA OBSERVA a cachoeira Véu de Noiva, no Parque Nacional de Itatiaia: falta de infra-estrutura e fiscais

Sítios, fazendas e hotéis dentro da área de preservação

Na realidade, os problemas não estão tão distantes assim da sede do parque, cuja entrada principal está localizada às margens da Via Dutra, a 160 quilômetros do Rio. Um dos mais graves — e históricos — problemas está dentro dos seus limites: quando o então presidente Getúlio Vargas assinou o decreto de criação do Parque de Itatiaia, dentro de uma área de 12 hectares, o Governo não cuidou da desapropriação das terras de particulares. Assim, desde que nasceu, o parque convive com sítios, fazendas e hotéis dentro da área de preservação.

Em 82 o problema se agravou ainda mais. O então presidente João Batista Figueiredo ampliou a área de 12 mil hectares para 30 mil, sem fazer desapropriações.

— As atividades continuam. Se a gente tentar proibir, eles ganham na Justiça na mesma hora. O problema fundiário não acontece apenas em Itatiaia, mas também em todas as 139 unidades de conservação do país. O Ministério do Meio Ambiente fez um estudo que mostra que seriam necessários R$ 2,5 bilhões para desapropriações. É difícil se levantar esse volume de recursos — diz Zikan.

As dificuldades são menos visíveis na área do parque onde se concentra a maior parte das cem mil pessoas que anualmente visitam a área. Nesse trecho, os visitantes encontram cachoeiras e piscinas de água natural por entre trilhas no meio da Mata Atlântica. Já na área conhecida como "selvagem", no Planalto do Itatiaia, região mais alta do parque, onde está o pico culminante do Rio, as Agulhas Negras, com 2.787 metros de altitude, os problemas são bem mais visíveis.

A começar pelo acesso: para vencer os 17,5 quilômetros entre a localidade de Garganta do Registro até a área do Planalto do Itatiaia, o visitante gasta aproximadamente duas horas. Depois disso, na cancela de entrada, uma placa alerta: "Senhores visitantes, o estado da estrada é péssimo". Não há qualquer exagero.

A falta de pessoal também é mais sentida na área "selvagem": um único agente florestal fica de plantão na cancela por um período de cinco dias, quando então é rendido por outro solitário colega. Se houver uma emergência, o agente vai precisar da solidariedade dos funcionários de Furnas que cuidam de uma estação de microondas instalada no terreno do parque: a única comunicação possível com o resto do mundo é o telefone existente ali.

— Temos equipamento de rádio, mas ele está quebrado por falta de manutenção — diz o diretor. Dos sete abrigos do parque, apenas o Rebouças e mais um estão funcionando. ■